

Gestão socioambiental e a governança social, ambiental e corporativa (ESG) em micro e pequenas empresas

Kennya Rodrigues Nunes - UCES- Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales

Maira Danuse Santos De Oliveira Mestranda Em Gestão Pública - Universidade Federal Do Piauí

Elijalma Augusto Bezerra - UNIVASF

Maria Augusta Leite de Oliveira e Souza - Cers

Anaximando de Carvalho Souza - UFMA

Samara Linhares Carlos - Universidade Estadual Vale do Acaraú

Agustin Perez Rodrigues - PUC

Itaciara Pantoja Ribeiro - UEA

Elissama Ramos Barros- UEA

Jennifer Branco de Carvalho - UEA

Fernanda Eméri Mokfa Matitz Celuppi

Michele Jordânia Ferreira - MUST UNIVERSITY

Regina Claudia Soares do Rêgo Pacheco - UFPI

Willimis Alves Pereira - UFAC

Rafael Bianchini Glavam - UNESC

Lucas Alves
UFRRJ

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar a adoção de práticas de Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG) em micro e pequenas empresas (MPEs), investigando os desafios enfrentados, os benefícios percebidos e o nível de engajamento com a sustentabilidade. A pesquisa foi descritiva, com abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 20 profissionais atuantes em MPEs dos setores de comércio, serviços e indústria. Os resultados apontaram que, embora haja crescente conscientização sobre a importância do ESG, sua aplicação ainda é limitada por fatores como falta de recursos, ausência de conhecimento técnico e dificuldade em mensurar impactos. Os relatos evidenciam iniciativas pontuais e a

valorização da ética, responsabilidade social e cuidados ambientais, mesmo que ainda não estruturadas formalmente. Conclui-se que o fortalecimento das práticas ESG em MPEs requer políticas públicas de incentivo, capacitação técnica e maior integração com cadeias produtivas sustentáveis.

Palavras-chave: ESG; Ambiente; Gestão.

Date of Submission: 03-06-2025

Date of Acceptance: 13-06-2025

I. Introdução

Nos últimos anos, a pauta da sustentabilidade tem ganhado notoriedade em diferentes esferas da sociedade, sendo impulsionada por crises ambientais, desigualdades sociais e demandas por maior transparência e responsabilidade por parte das organizações. Nesse cenário, o conceito de Governança Ambiental, Social e Corporativa, conhecido como ESG (Environmental, Social and Governance), consolidou-se como um importante indicador de compromisso empresarial com práticas sustentáveis e éticas. Inicialmente difundido entre grandes corporações e investidores institucionais, o ESG tem, gradualmente, alcançado empresas de menor porte, exigindo novas adaptações e estratégias para sua implementação (Muller; Silva, 2023).

As micro e pequenas empresas (MPEs), que representam a maior parte dos empreendimentos no Brasil, enfrentam desafios específicos para incorporar os princípios ESG em sua gestão. Essas empresas, muitas vezes, não possuem estruturas organizacionais robustas, o que dificulta a sistematização de práticas socioambientais e de governança. Ainda assim, elas desempenham um papel central no desenvolvimento econômico e social, gerando empregos, movimentando economias locais e contribuindo para a inovação (Barbosa Júnior, 2019).

Apesar da limitação de recursos, as MPEs têm demonstrado potencial para adoção de práticas sustentáveis, especialmente quando estas estão alinhadas aos valores dos proprietários ou fundadores. Além disso, o fortalecimento da consciência coletiva sobre os impactos das ações empresariais tem impulsionado essas organizações a repensarem seus modelos de negócio. Muitos consumidores, parceiros e até investidores passaram a valorizar empresas comprometidas com questões ambientais e sociais, o que pode representar uma oportunidade competitiva para as MPEs (Silva; Vicentini; Romaro, 2023).

A adoção de práticas ESG por MPEs pode ocorrer de maneira informal, por meio de iniciativas espontâneas, como o reaproveitamento de materiais, doações a comunidades carentes, inclusão de públicos vulneráveis e fortalecimento da cultura ética no ambiente de trabalho. No entanto, a ausência de planejamento estratégico e métricas de avaliação ainda é um entrave para a mensuração de resultados e para a comunicação efetiva dessas ações ao mercado (Zago et al., 2023).

Outro aspecto relevante está relacionado ao acesso a políticas públicas, incentivos e capacitações específicas para MPEs que desejam incorporar ESG. Programas governamentais e parcerias com instituições de apoio, como o Sebrae, têm se mostrado essenciais na disseminação de conhecimento e no estímulo à cultura da sustentabilidade entre pequenos empreendedores (Topanotti, 2024).

No entanto, a efetividade dessas ações depende de sua capilaridade, continuidade e da capacidade de dialogar com a realidade desses negócios. A tecnologia também surge como uma aliada estratégica na promoção do ESG entre micro e pequenas empresas. Ferramentas digitais podem facilitar o controle de indicadores ambientais, promover ações de responsabilidade social e otimizar práticas de governança. No entanto, o uso dessas soluções ainda é limitado, tanto pela falta de acesso quanto pela ausência de cultura digital em parte das MPEs (Topanotti, 2024).

Diante desse cenário, o objetivo da presente pesquisa foi analisar a incorporação das práticas de Governança Social, Ambiental e Corporativa (ESG) em micro e pequenas empresas, identificando as estratégias utilizadas, os desafios enfrentados e os resultados percebidos por profissionais atuantes nesses empreendimentos.

II. Materiais e métodos

A presente pesquisa possui caráter descritivo, com abordagem qualitativa, visando compreender de maneira aprofundada como micro e pequenas empresas têm incorporado práticas de ESG no seu cotidiano (Lima et al., 2020; Lima; Domingues Junior; Gomes, 2023; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024). O estudo foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com 20 profissionais de diferentes áreas (gestão, recursos humanos, operações, marketing e sustentabilidade), todos atuantes em micro e pequenas empresas dos setores de comércio, indústria e serviços, localizadas em diferentes regiões do Brasil.

A amostragem foi intencional e não probabilística, escolhendo-se os participantes com base em sua atuação direta na gestão ou execução de práticas relacionadas à sustentabilidade, à ética organizacional ou à responsabilidade social. A seleção buscou contemplar diversidade de segmentos, porte e localização geográfica, com o intuito de captar a heterogeneidade do contexto das MPEs brasileiras.

As entrevistas ocorreram entre fevereiro e abril de 2025, sendo realizadas de forma remota (por videoconferência), com duração média de 40 minutos. Um roteiro com perguntas abertas foi utilizado para orientar a conversa, abordando temas como compreensão do conceito ESG, ações concretas já adotadas, motivadores e dificuldades enfrentadas, bem como percepções sobre os resultados alcançados. T

odos os participantes autorizaram a gravação das entrevistas mediante termo de consentimento livre e esclarecido. Após a transcrição, os dados foram organizados em categorias temáticas, a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Os respondentes foram identificados com siglas (E01 a E20) para preservar sua identidade. A pesquisa foi conduzida com base nos princípios éticos da pesquisa com seres humanos, respeitando a confidencialidade, o anonimato e a voluntariedade dos participantes.

III. Resultados e discussões

Os dados revelaram que a maioria dos participantes já ouviu falar sobre o conceito ESG, embora nem todos compreendam plenamente sua abrangência. Segundo os respondentes E03 e E09, “sabemos que ESG envolve meio ambiente e responsabilidade social, mas ainda é algo distante da nossa rotina”, e “a gente tenta fazer a coisa certa, mas não usamos esse termo no dia a dia”. Isso indica que, apesar da crescente difusão do tema, ele ainda é percebido como um discurso mais presente em grandes empresas. A adoção de práticas ESG entre as MPEs é majoritariamente informal e intuitiva.

Os relatos de E01 e E14 destacam que “a gente sempre tenta contratar gente da comunidade e apoiar escolas locais” e que “temos uma política interna de economia de energia e reaproveitamento de materiais”. Tais ações demonstram uma preocupação legítima com a responsabilidade socioambiental, embora não estejam sistematizadas ou vinculadas a indicadores de desempenho.

Um dos principais desafios apontados é a falta de conhecimento técnico. Para E05 e E11, “não sabemos por onde começar com ESG” e “falta alguém para orientar, porque é tudo muito técnico e confuso”. Essa dificuldade reforça a importância de capacitações e suporte especializado para as MPEs. Recursos financeiros também se destacam como barreira recorrente. Segundo E07 e E13, “nosso foco é sobreviver e pagar as contas” e “fazer ESG parece coisa para quem tem dinheiro sobrando”. Essa percepção limita o potencial de implementação, principalmente quando não se compreende que muitas práticas ESG podem ser de baixo custo ou até gerar economia.

Mesmo diante dessas limitações, os relatos evidenciam iniciativas valiosas. E06 descreve: “nós criamos uma campanha para doar alimentos durante a pandemia e continuamos com isso até hoje”, enquanto E10 aponta: “implantamos coleta seletiva com ajuda da prefeitura e isso engajou os funcionários”. Esses exemplos revelam o potencial das MPEs como agentes de transformação social e ambiental.

O fator humano é central nas decisões ESG. Em muitos casos, a liderança do proprietário define os rumos da empresa. E15 relata: “meu pai sempre disse que a gente tem que ajudar as pessoas, e isso ficou no DNA da empresa”. Já E17 complementa: “gostamos de fazer certo, mesmo sem ganhar visibilidade por isso”. A governança é o aspecto menos desenvolvido entre as dimensões do ESG. Para E08 e E18, “não temos código de ética, mas seguimos valores” e “as decisões são tomadas no boca a boca, sem muito registro”. Isso aponta para a necessidade de aprimorar os mecanismos internos de transparência e gestão participativa.

Em contrapartida, a dimensão ambiental recebe atenção pontual. E02 afirma que “trocamos as lâmpadas por LED e fizemos um manual de boas práticas com os funcionários”, enquanto E12 diz que “nossa produção evita o uso de plástico sempre que possível”. São ações com impacto direto e simbolizam o esforço para alinhar a operação à sustentabilidade. O aspecto social é percebido com mais naturalidade. Muitos participantes relataram vínculos com comunidades locais, inclusão de pessoas com deficiência, e apoio a projetos sociais. E04 destaca: “sempre contratamos jovens do bairro e damos oportunidade de primeiro emprego”, e E19 complementa: “apoiamos uma creche com doações mensais”.

A percepção de retorno positivo das ações ESG também foi destacada. E16 menciona: “os clientes valorizam quando sabem que a empresa se preocupa com o meio ambiente”, e E20 afirma: “os funcionários se sentem mais motivados quando percebem que fazemos o bem”. Contudo, a dificuldade em mensurar os impactos é evidente. Para E09 e E13, “não sabemos se o que fazemos realmente faz diferença” e “falta um jeito de medir e comunicar isso”. Essa lacuna compromete a continuidade e o aprimoramento das práticas.

Algumas empresas contaram com apoio de instituições como Sebrae, ONGs e consultorias. E06 relata: “participamos de um curso sobre sustentabilidade e começamos a aplicar algumas ideias”, e E11 diz: “recebemos orientação sobre como montar um plano de ação ambiental”. A tecnologia, embora pouco explorada, é vista como uma aliada futura. E07 afirma: “gostaríamos de usar sistemas que ajudem a controlar nosso impacto ambiental, mas ainda não temos estrutura”, enquanto E14 diz: “vi que existem aplicativos que ajudam com relatórios ESG, mas é tudo em inglês”.

As práticas ESG também são vistas como fator de competitividade. E10 destaca: “em uma licitação, ganhamos pontos por ter ações ambientais”, e E17 relata: “alguns clientes exigem certificado ou compromisso com práticas éticas”. Em empresas familiares, o ESG tende a estar mais alinhado aos valores pessoais do fundador.

E01 explica: “aprendi com meus pais a cuidar do que é dos outros”, e E18 reforça: “a gente tenta manter os princípios da honestidade e do respeito sempre”. O futuro é percebido com otimismo moderado. E05 e E08 avaliam que “se tiver incentivo e orientação, mais empresas vão aderir” e “com informação, as MPEs conseguem fazer mais do que parece”.

IV. Conclusão

A presente pesquisa evidenciou que, apesar das limitações estruturais, as micro e pequenas empresas brasileiras vêm demonstrando interesse e disposição em adotar práticas relacionadas ao ESG. A maioria das iniciativas ocorre de maneira espontânea e está fortemente vinculada aos valores pessoais dos gestores, refletindo o protagonismo dessas empresas na transformação social e ambiental em escala local. Entretanto, desafios como a falta de conhecimento técnico, escassez de recursos e ausência de instrumentos para mensuração e gestão dificultam a consolidação de políticas ESG mais robustas nesse segmento. A governança, em especial, é um ponto frágil e que merece maior atenção. Por outro lado, os relatos apontam caminhos promissores. A valorização da ética, da responsabilidade social e do cuidado com o meio ambiente está presente no cotidiano das MPEs, mesmo que de forma não estruturada. Incentivos públicos, capacitação técnica e acesso a tecnologias adequadas podem potencializar ainda mais esse movimento. Conclui-se que é fundamental reconhecer a importância estratégica das MPEs no avanço da agenda ESG no Brasil, promovendo políticas de apoio, integração em cadeias produtivas sustentáveis e valorização das boas práticas já existentes. A sustentabilidade nas MPEs não é apenas possível, mas essencial para o desenvolvimento equitativo e responsável do país.

Referências

- [1]. BARBOSA JÚNIOR, Roberto Flávio Ottoni. **O efeito das boas práticas de sustentabilidade e governança no valor de mercado das empresas listadas na B3**. Dissertação de mestrado, 89f. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro-RJ, 2019.
- [2]. LIMA, L. A. O. et al. Quality of life at work in a ready care unit in Brazil during the covid-19 pandemic. **International Journal of Research -GRANTHAALAYAH**, [S. l.], v. 8, n. 9, p. 318–327, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29121/granthaalayah.v8.i9.2020.1243>
- [3]. LIMA, L. A. O.; DOMINGUES JUNIOR, GOMES, O. V. O. Saúde mental e esgotamento profissional: um estudo qualitativo sobre os fatores associados à síndrome de burnout entre profissionais da saúde. **Boletim de Conjuntura Boca**, 2023. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10198981>
- [4]. Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse ocupacional em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. *RGO - Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.
- [5]. LIMA, L. A. O.; DOMINGUES, P. L.; SILVA, R. T. . Applicability of the Servqual Scale for Analyzing the Perceived Quality of Public Health Services during the Covid-19 Pandemic in the Municipality of Três Rios/RJ, Brazil. *International Journal of Managerial Studies and Research (IJMSR)*, v. 12, p. 17-18, 2024. <https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003>
- [6]. LIMA, L. A. O.; SILVA, L. L.; DOMINGUES JÚNIOR, P. L. Qualidade de Vida no Trabalho segundo as percepções dos funcionários públicos de uma Unidade Básica de Saúde (UBS). **REVISTA DE CARREIRAS E PESSOAS**, v. 14, p. 346-359, 2024. <https://doi.org/10.23925/recap.v14i2.60020>
- [7]. MÜLLER, M. K.; SILVA, L. ANÁLISE COMPARATIVA DO DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DE EMPRESAS DO SETOR DE ENERGIA ELÉTRICA LISTADAS NA B3 QUANTO AO IMPACTO DA ADESÃO DE CRITÉRIOS ESG NA GESTÃO EMPRESARIAL. **Revista Eletrônica de Ciências Contábeis**, 2023.
- [8]. SILVA, A. V. B.; VICENTINI, C. R.; ROMARO, P. Desafios do desenvolvimento de gestores para atuar em uma cultura-ambiente ESG em formação. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 127–137, 2023.
- [9]. TOPANOTTI, J. A. M. ESG and return of investment. **Revista de Inovação e Sustentabilidade**, 2024.
- [10]. ZAGO, B. M. et al. Conscientização de Empresas que adotam as medidas de governanças ambientais, sociais e corporativas (ESG). **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 9, n. 05, p. 18033–18042, 2023.
- [11].